

Bom dia. É um prazer estar aqui esta manhã e partilhar convosco este momento, mas, mais importante ainda, é celebrar o trabalho tão importante que estão a desenvolver para construir cidades mais inclusivas, mais acolhedoras e mais capazes de criar pertença.

Quero começar por vos fazer uma pergunta: **o que significa pertencer?**

Quando pensamos em pertença, pensamos frequentemente em fazer parte de um grupo, de uma comunidade, de uma cidade. Mas a pertença não é apenas uma questão de estar presente. É sentir que somos reconhecidos, que temos um lugar, que a nossa presença importa.

E é precisamente aqui que entra a confiança.

A confiança é uma das bases fundamentais da pertença. Quando confiamos uns nos outros, quando acreditamos que os outros nos veem, nos escutam e nos reconhecem, é mais fácil criar relações, participar e construir comunidade.

Mas também sabemos que as cidades podem produzir o efeito contrário. Podem criar fronteiras, separar pessoas e grupos, estabelecer quem pertence e quem não pertence.

E é aqui que surge uma pergunta fundamental: **quem é o outro?**

A forma como respondemos a esta pergunta tem consequências muito profundas.

Ao longo da história, os seres humanos construíram identidades através da distinção entre «nós» e «eles». Precisamos de categorias para compreender o mundo, mas essas categorias também podem transformar-se em barreiras.

Quando transformamos alguém em «outro», deixamos de o ver como uma pessoa com a mesma complexidade, as mesmas necessidades e as mesmas aspirações que nós.

É isso que entendemos por **alterização**: o processo através do qual construímos alguém como diferente, como alguém que não pertence ao nosso grupo.

E a questão é: **como podemos construir pertença sem produzir alterização?**

Esta é uma questão especialmente importante nas cidades.

Porque as cidades são lugares de encontro. Pessoas diferentes vivem juntas, trabalham juntas, estudam juntas, utilizam os mesmos espaços públicos e partilham os mesmos serviços.

A diversidade, por si só, não cria necessariamente pertença.

Que diferença faz uma diferença? Ou seja: qual é o significado que damos a essa diferença?

Não é a diferença em si mesma que importa, mas aquilo que fazemos com essa diferença, as histórias que contamos sobre essa diferença.

Podemos contar uma história de ruptura.

Ou podemos contar uma história de construção de pontes.

E essas duas formas de contar a realidade produzem resultados muito diferentes.

Quando contamos histórias de ruptura, reforçamos as fronteiras entre «nós» e «eles». Quando contamos histórias de pontes, procuramos aquilo que nos liga.

Robert Putnam fala-nos da importância dos vínculos sociais. Distingue entre os **vínculos fortes**, que nos ligam às pessoas que são semelhantes a nós, e os **vínculos fracos**, que nos ligam a pessoas diferentes.

Os vínculos fortes são importantes. Precisamos de família, de amigos, de pessoas em quem confiamos.

Mas os vínculos fracos também são fundamentais porque são eles que nos permitem atravessar fronteiras sociais e entrar em contacto com pessoas que não fazem parte do nosso círculo habitual.

É aí que acontece algo muito importante: começamos a descobrir que temos mais coisas em comum do que pensávamos.

Por isso, construir pertença não significa eliminar as diferenças.

Significa criar condições para que as diferenças possam coexistir sem se transformarem em divisões.

E isso exige **escuta empática**.

Exige **pensamento crítico**.

E exige aquilo a que podemos chamar **envolvimento intencional**: a decisão consciente de criar espaços onde pessoas diferentes possam encontrar-se, participar e construir algo em conjunto.

Um dos conceitos que considero particularmente úteis é o de **universalisme ciblé**: objetivos universais, estratégias específicas.

Ou seja, podemos querer que todas as pessoas tenham acesso à pertença, à participação e às oportunidades, mas sabemos que nem todas as pessoas partem do mesmo lugar.

Por isso, para alcançar um objetivo universal, podemos precisar de estratégias diferentes para diferentes grupos.

É uma ideia muito importante para pensar as políticas urbanas.

Porque, se tratarmos todas as pessoas exatamente da mesma maneira, podemos acabar por reproduzir desigualdades que já existem.

Precisamos de compreender que diferentes grupos podem enfrentar diferentes barreiras.

E precisamos de construir respostas que tenham isso em conta.

Pensem, por exemplo, numa cidade em que algumas pessoas têm acesso fácil aos transportes, aos espaços verdes, às bibliotecas, às escolas, à cultura e aos equipamentos desportivos, enquanto outras vivem longe desses recursos.

Podemos dizer que todos têm acesso à cidade.

Mas isso não significa necessariamente que todos tenham a mesma possibilidade de a utilizar.

A pertença também tem uma dimensão espacial.

Tem a ver com a forma como desenhamos os espaços, mas também com a forma como nos sentimos nesses espaços.

As cidades são estruturas que nos dizem, de muitas maneiras, quem é bem-vindo e quem não é.

Pensem nos bancos públicos.

Pensem nos parques.

Pensem nas bibliotecas.

Pensem nas escolas.

Pensem nos transportes públicos.

Cada um destes espaços pode funcionar como um lugar de encontro ou como um lugar de exclusão.

E muitas vezes não são as grandes decisões que determinam isto. São pequenos detalhes.

É a possibilidade de nos sentarmos.

É a possibilidade de permanecermos.

É a possibilidade de conversar.

É a possibilidade de vermos outras pessoas e sermos vistos por elas.

São estas pequenas coisas que podem construir confiança.

E a confiança constrói-se através de experiências repetidas.

Não podemos simplesmente dizer às pessoas: «Confiem umas nas outras.»

A confiança nasce quando temos experiências que demonstram que podemos confiar.

Quando alguém nos escuta.

Quando alguém cumpre uma promessa.

Quando alguém nos ajuda.

Quando alguém nos reconhece.

Quando alguém nos inclui.

É assim que se constrói uma cultura de confiança.

E isto é especialmente importante quando falamos de pessoas que foram historicamente excluídas.

Se uma pessoa passou toda a sua vida a receber a mensagem de que não pertence, não podemos esperar que uma única iniciativa seja suficiente para criar um sentimento de pertença.

Precisamos de consistência.

Precisamos de continuidade.

Precisamos de relações.

E precisamos de tempo.

Pensem, por exemplo, nas pessoas sem-abrigo.

Se queremos enfrentar a situação de sem-abrigo, não basta oferecer uma cama durante uma noite.

Precisamos de compreender todas as condições que levaram essa pessoa até essa situação.

Precisamos de habitação.

Precisamos de serviços.

Precisamos de relações.

Precisamos de comunidade.

E precisamos de reconhecer a pessoa como pessoa.

Isto parece simples, mas é profundamente transformador.

Porque, quando reduzimos alguém a uma categoria — «sem-abrigo», «migrante», «refugiado», «idoso», «jovem», «pobre» — deixamos de ver a pessoa.

E quando deixamos de ver a pessoa, torna-se muito mais fácil excluí-la.

Por isso, uma cidade que constrói pertença é uma cidade que permite às pessoas serem mais do que as categorias que lhes atribuímos.

É uma cidade que permite que cada pessoa seja vista na sua complexidade.

E é aqui que o conceito de **alterização** volta a ser importante.

Porque a alterização não acontece apenas através de grandes discursos de ódio.

Pode acontecer através de pequenas decisões quotidianas.

Pode acontecer através da forma como organizamos uma sala.

Da forma como desenhamos um serviço.

Da forma como falamos sobre determinado grupo.

Da forma como decidimos quem é consultado e quem não é.

Da forma como definimos quem é um «cidadão normal».

Por isso, se queremos construir pertença, temos de questionar constantemente as nossas próprias categorias.

Quem está incluído?

Quem está ausente?

Quem tem voz?

Quem não tem?

Quem toma as decisões?

Quem é ouvido?

E, sobretudo, **quem está a ser considerado quando desenhamos a cidade?**

Há uma história que gosto muito de contar sobre a diferença entre criar uma ponte e criar uma barreira.

Imaginem duas pessoas que vivem em lados diferentes de um rio.

Podemos dizer-lhes: «Vocês são diferentes. Vivem em lugares diferentes. Têm histórias diferentes.»

Ou podemos construir uma ponte.

A ponte não elimina o rio.

Não elimina as diferenças entre os dois lados.

Mas permite atravessá-lo.

Permite o encontro.

Permite a circulação.

Permite que as pessoas descubram o que existe do outro lado.

É isso que as cidades podem fazer.

Podem construir pontes sem negar as diferenças.

E podem fazê-lo através de relações, espaços públicos, escolas, cultura, desporto, bibliotecas, transportes e participação.

Tudo isto pode ser infraestrutura de pertença.

Quando pensamos em infraestrutura urbana, pensamos frequentemente em estradas, pontes, edifícios e redes de transporte.

Mas também precisamos de pensar na **infraestrutura social**.

Onde é que as pessoas se encontram?

Onde é que conversam?

Onde é que desenvolvem relações?

Onde é que aprendem umas com as outras?

Onde é que constroem confiança?

Estas são perguntas fundamentais para qualquer cidade que queira ser verdadeiramente inclusiva.

E há algo mais que precisamos de considerar: o medo.

O medo é uma das forças mais poderosas na construção de fronteiras entre «nós» e «eles».

Quando sentimos medo, o nosso cérebro pode procurar respostas rápidas.

É aqui que podemos falar do chamado **cérebro do lagarto**.

A amígdala reage rapidamente às ameaças. O cérebro procura identificar aquilo que é seguro e aquilo que não é.

E quando estamos sob pressão, podemos recorrer a categorias simples.

«Eles são perigosos.»

«Eles são diferentes.»

«Eles estão a tirar-nos alguma coisa.»

«Eles são o problema.»

É assim que se constrói um bode expiatório.

E é precisamente por isso que precisamos de pensamento crítico.

Precisamos de criar espaços onde as pessoas possam parar, refletir, questionar as primeiras respostas e considerar outras perspectivas.

O córtex pré-frontal permite-nos fazer precisamente isso.

Permite-nos parar.

Pensar.

Questionar.

Considerar a perspectiva de outra pessoa.

E esta é uma das razões pelas quais a educação é tão importante.

Porque a educação pode ajudar-nos a passar do medo à curiosidade.

Da reação à reflexão.

Da divisão à relação.

A educação pode ensinar-nos a fazer perguntas.

E uma boa cidade educativa não é uma cidade onde todos pensam da mesma maneira.

É uma cidade onde as pessoas aprendem a viver juntas apesar das suas diferenças.

É uma cidade onde podemos discordar sem deixar de pertencer.

É uma cidade onde podemos ter conflitos sem transformar o outro num inimigo.

E isto exige práticas concretas.

Exige espaços de diálogo.

Exige participação.

Exige oportunidades de encontro.

Exige experiências partilhadas.

Pensem, por exemplo, na música.

A música pode atravessar fronteiras que as palavras não conseguem atravessar.

Pensem no reggae.

Pensem na Motown.

Pensem em todas as formas de música que nasceram de comunidades específicas e que depois atravessaram fronteiras culturais e geográficas.

A música cria ligações.

A cultura cria ligações.

O desporto cria ligações.

A educação cria ligações.

E a cidade pode criar as condições para que essas ligações aconteçam.

Mas há também uma dimensão individual.

Cada um de nós tem responsabilidade na construção da pertença.

Podemos perguntar-nos:

Quem é a pessoa que eu considero «o outro»?

Porque é que a considero diferente?

Que história estou a contar sobre essa pessoa?

O que aconteceria se eu mudasse essa história?

Esta última pergunta é particularmente poderosa.

Porque as histórias não são neutras.

As histórias que contamos sobre os outros moldam a forma como os vemos.

E moldam também a forma como os outros se veem a si próprios.

É por isso que precisamos de histórias diferentes.

Histórias que reconheçam a diversidade, mas também aquilo que partilhamos.

Histórias que não apaguem as diferenças, mas que não permitam que essas diferenças se transformem em barreiras.

Histórias de pertença.

Histórias de confiança.

Histórias de pontes.

E, finalmente, histórias de esperança.

Porque a esperança não significa ignorar os problemas.

Significa acreditar que podemos agir sobre eles.

Significa reconhecer que as cidades não são estruturas fixas.

As cidades mudam.

As relações mudam.

As instituições mudam.

E nós também podemos mudar.

Há uma frase de W. E. B. Du Bois que considero muito poderosa: «O poder da democracia depende da capacidade das pessoas de reconhecerem a humanidade umas das outras.»

E talvez seja isso que está no centro da pertença.

Reconhecer a humanidade do outro.

Reconhecer que, apesar das diferenças, partilhamos algo fundamental.

Somos pessoas.

Temos necessidades.

Temos esperanças.

Temos medos.

Temos histórias.

E queremos pertencer.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos começa precisamente com esta ideia: todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos.

Mas transformar esse princípio em realidade exige trabalho.

Exige instituições.

Exige políticas públicas.

Exige espaços.

E exige relações humanas.

É por isso que o vosso trabalho nas cidades é tão importante.

Porque as cidades são o lugar onde estes princípios abstratos se tornam experiências concretas.

É na cidade que uma criança descobre se é ou não bem-vinda.

É na cidade que uma pessoa recém-chegada descobre se pode participar.

É na cidade que uma pessoa idosa descobre se ainda tem um lugar.

É na cidade que uma pessoa sem-abrigo descobre se é vista.

É na cidade que uma pessoa pode descobrir que pertence.

E essa experiência pode começar com algo tão simples como alguém dizer:

«Estamos felizes por você estar aqui.»

Quero terminar com duas ideias.

A primeira é que **a pertença não acontece por acaso.**

Temos de a construir.

E a segunda é que **a confiança também não acontece por acaso.**

Temos de a construir.

Todos os dias.

Nas escolas.

Nas praças.

Nas bibliotecas.

Nos transportes.

Nos bairros.

Nas famílias.

Nas instituições.

E nas relações entre as pessoas.

Se construirmos confiança, podemos construir pertença.

Se construirmos pertença, podemos construir comunidade.

E se construirmos comunidade, podemos construir cidades onde a diversidade não seja uma ameaça, mas uma fonte de criatividade, aprendizagem e transformação.

Muito obrigado.

Há dois livros que gostaria de recomendar-vos.

Um chama-se *Belonging without Othering* (Pertença sem alterização), e o outro é *The Power of Bridging* (O poder de construir pontes).

Obrigado.